

Meu filho

Filho meu de outro tempo, armei-te de ouro e lança,
Exortei-te a sonhar: «ama, constrói, ensina!...»
E transformaste o mando em presença assassina;
Vejo-te a trilha em fogo onde a memória alcança.

Quis ver-te reencarnado... O amor jamais descansa.
E achei-te — águia enjaulada em gaiola mofina —
Cego e mudo a esmolar e a gemer em surdina.
Trazes luto no peito e chagas na lembrança!...

Chorei ao reencontrar-te em provações supremas...
Louvo, entanto, meu filho, as ríspidas algemas
Da dor a nos zurzir, ao redor de teus passos!...

O pranto lavará nossas culpas longevas,
E, um dia, subirás da humilhação nas trevas
Para a glória da luz na concha dos meus braços.

EPIPHANIO LEITE

Crianças doentes

Acalentas nos braços o filhinho robusto que o
lar te trouxe e, com razão, te orgulhas dessa pérola
viva. Os dedos lembram flores desabrochando, os
olhos trazem fulgurações dos astros, os cabelos re-
cordam estrigas de luz e a boca assemelha-se a con-
cha nacarada, em que os teus beijos de ternura
desfalecem de amor.

Guarda-o, de encontro ao peito, por tesouro
celeste, mas estende compassivas mãos aos peque-
ninhos enfermos que chegam à Terra como lírios
contundidos pelo granizo do sofrimento.

Para muitos deles, o dia claro inda vem muito
longe...

São aves cegas que não conhecem o próprio
ninho, pássaros mutilados esmolando socorro em
recantos sombrios da floresta do mundo!... Às
vezes, parecem anjos pregados na cruz de um corpo
paralítico ou mostram no olhar a profunda tris-
teza da mente anuviada de densas trevas.

Há quem diga que devem ser exterminados
para que os homens não se inquietem; contudo,